

Riqueza e poder.

Peypin d'Aigues, 20/3/80: Todos os anos o Banco Mundial publica estatística que mede a distribuição do poder e da riqueza entre os estados que dividem a humanidade. Os que querem ser "bem informados" utilizam tal estatística como referencial de orientação nos acontecimentos noticiados pelos meios informativos. Se algo acontece nas Filipinas, em São Salvador ou nessa região mal definida chamada atualmente de "chifre da Africa", o evento é projetado contra o pano de fundo de tal estatística, e lá adquire determinado significado. Pois tal projeção de acontecimentos contra estatísticas de "fenômenos" contra "modelos", é exercício fascinante: ilustra como funciona o conhecimento. A "explicação" dos fenômenos é feita em função de categorias elaboradas alhures. A guerra dos Somalis contra os etíopios é explicada em função das categorias elaboradas pelo Banco Mundial, (renda per capita, produto nacional bruto), e a chuva de verão é explicada em função das categorias elaboradas pela física, (condensação da água e queda livre). Tem-se a impressão que tais explicações não atingem a essência do fenômeno visado: os somalis não parecem agir, essencialmente, em função do produto nacional bruto, nem a chuva em função da queda livre. O que está em questão é a capacidade da mente para captar o fenômeno concreto, "a coisa".

O olhar rápido lançado sobre a estatística do Banco Mundial revela o problema. Dois critérios diferentes são aplicados: a renda per capita, e o produto nacional bruto. O primeiro mede a riqueza, o segundo o poder dos estados. Temos, de um lado, os estados mais ricos, os que têm renda per capita superior a US\$ 9.000.- per capita, (Suíça, Luxemburgo, Suécia, Dinamarca, EEUU, Alemanha Federal, Noruega, Canadá e Bélgica); e, do outro lado, temos os estados mais poderosos, os que têm produto nacional bruto superior a US\$ 400 bilhões, (EEUU, URSS, Japão, Alemanha Federal, França e China). Os dois critérios estão ligados entre si, já que a renda per capita é o produto nacional dividido pelo número dos habitantes. No entanto os dois critérios resultam em contradições reveladoras: há estados poderosos pobres, (URSS com renda per capita de US\$ 3.700.-, e China com renda per capita de US\$ 460.-), e há estados ricos impotentes, (Suíça, Luxemburgo). De modo que a aplicação simultânea dos dois critérios se justifica como método para explicar a cena.

No entanto: várias dúvidas quanto ao valor explicativo da estatística surgem espontaneamente, e essas dúvidas nada têm a ver com a desconfiança que podemos nutrir quanto aos métodos pelos quais os algoritmos foram elaborados. São dúvidas "formais". Por exemplo: a estatística assume a divisão da humanidade em estados, a qual é divisão espúria. A Cambódia e a República Centro-Africana ocupam, em tal lista, o mesmo lugar que o ocupado pela União Soviética e os Estados Unidos, o que não explica, mas encobre a realidade. Outro exemplo: a estatística mede a renda per capita sem tomar em

consideração a distribuição de tal renda. A baixíssima renda chinesa pode ser "bem distribuída", e a altíssima da Arábia Saudita "mal distribuída", o que destorce a explicação que a estatística oferece. Terceiro exemplo: a estatística mede em US\$ ao "cambio oficial" do dia 31/12/79, mas ta cambio pode ser inteiramente ficticio. Se compararmos as rendas per capita da Alemanha federal e da Alemanha democrática, (9.600 e 5.660), verificaremos que na Alemanha federal o cambio corresponde à verdadeira troca de divisas, enquanto que na Alemanha democrática o verdadeiro valor do dolar é um multiplo do "oficial"; de modo que a real relação das rendas não é 1:2, mas provavelmente 1:5. A estatística encobre a realidade pelo menos tanto quanto a explica.

Curiosamente isto não impede que a estatística seja util. Por exemplo: revela que a Inglaterra, com um produto nacional bruto de 281 bilhões, deixou de ser "grande potência", fato que tendemos a esquecer quando discutimos os acontecimentos. Outro exemplo: revela que o Mercado comum, com um produto nacional bruto de 1.799 bilhões, se aproxima, em poder, do dos Estados Unidos, (2.118), e é o dobro do da União Soviética, (966), fato nem sempre considerado. Terceiro exemplo: revela que a renda per capita do Mexico, (1.200), é baixíssima, embora se trate de pais petrolifero. Quarto exemplo: a lista dos países mais ricos revela serem todos de fala germânica. Quinto exemplo: a lista dos países mais poderosos revela ocuparem faixa continua no hemisfério norte. De modo que a estatística, embora encobre a realidade, também a revela, o que é característico de todo conhecimento humano.

Mas o que a estatística revela sobretudo são dois abismos que dividem a humanidade. O primeiro é o abismo de poder que divide os Estados Unidos do resto: todos os estados têm produto nacional abaixo de 1.000 bilhões, os Estados Unidos acima de 2.000 bilhões. O segundo abismo é o que divide os ricos dos pobres: a sociedade dita "ocidental" tem renda per capita entre 3.500 e 12.000, com a Italia, (3.840) e a Espanha (3.520) consideradas paupérrimas. O resto do mundo tem renda per capita entre 4.000 e 100 com a URSS, (3.700) considerada riquíssima. 'E em tal contexto que os algarismos brasileiros, (renda 1.570 e produto 187) devem ser vistos: no centro do mundo dos pobres.

Afirmada tal utilidade da estatística enquanto mapa da cena atual, é preciso criticá-la, desta vez não "formalmente", mas quanto ao seu significado. A "riqueza" que a estatística mede é o da renda anual, e nada tem a ver com riqueza acumulada, (para nem falar em outros tipos de riqueza). A renda inglesa é de 5.030, a japonesa de 7.330, e, no entanto, a Inglaterra é mais rica que o Japão: acumulou riquezas nos séculos passados. O "poder" que a estatística mede é o da produção de bens, não o da produção de ideias, (para nem falar em outros tipos de poder não produtivos). A União Soviética tem produto nacional de 966, a Italia de 213, mas a URSS importa da Italia know-how, desenho industrial e tecnologia avançada.

Este tipo de crítica pode ser chamado "interno": aceita os critérios da estatística, e a combate a partir de tal consenso. A Inglaterra é mais rica que o Japão pelos próprios critérios da estatística, a Itália mais poderosa que a União Soviética pelos próprios critérios da estatística, o que torna tais críticas "válidas": dentro dos seus próprios critérios a estatística engana. Mas, além disto, há críticas "externas", as que põem em questão os critérios mesmos. Tais críticas não são "válidas" em relação à estatística, mas o são em relação à cena concreta a ser explicada. Obviamente, tais críticas podem ser de várias ordens. O conceito da "riqueza" subentendido pela estatística pode ser contestado, por exemplo pela introdução de um novo parâmetro: o da riqueza de relações humanas. O homem é tanto mais rico, quanto maior o número de relações que mantém com outros. O camponês africano é mais rico que o operário sueco, embora sua renda seja um centésimo da do sueco, porque está integrado na sociedade ancestral da aldeia. Tal novo critério é perfeitamente quantificável: tome-se renda e intensidade relacional, e faça-se índice disto. A lista dos países mais ricos será outra, com os países latinos, (França, Itália, Espanha), na testa, (renda relativamente alta e intensidade relacional alta), e com os países de grande acúmulo de sub-proletariado urbano, (renda baixa e intensidade relacional baixa), no final da linha.

O conceito do "poder" subentendido pela estatística pode ser contestado, não apenas com argumentos militares, mas sobretudo pela introdução do parâmetro da fertilidade humana. Um país é tanto mais <sup>potente</sup> ~~rico~~, quanto é maior o número de meninas a terem futuramente filhos. O Afeganistão é mais poderoso que a França, embora seu produto seja um centésimo do francês, porque terá mais habitantes no ano 2000 que a França. Também este critério é quantificável e amalgamável com o do produto bruto. A lista dos países poderosos será diferente, e incluirá a Índia, a Indonésia, o Brasil, o Paquistão, uma Arábia porventura unida, excluindo a Europa toda, magrudo seu produto.

Tudo isto são críticas quantificáveis. Há outras que atacam os critérios da estatística qualitativamente. Afirmam os parâmetros imponderáveis dos conceitos "riqueza" e "poder", como sejam o clima vital, ou o poder das ideologias. Mas admitido tudo isto, resta o fato seguinte: quando queremos captar mentalmente um dado concreto, somos obrigados a recorrer a categorias abstratas que falsificarão o conhecimento. Mas se não recorrermos a tais categorias, nada captaremos: ficaremos no puro impressionismo. De modo que devemos, se quisermos orientar-nos na questão da distribuição da riqueza e do poder, recorrer à estatística do tipo "Banco Mundial", embora devamos manter em mente as severas limitações que aderem a tais estatísticas, como aderem a todo empreendimento humano para captar o mundo no qual o homem vive.